

Diversão & Arte



Homem-Aranha: Sem volta para casa

Marvel Studios/Divulgação

Nem sempre impulsionado por novidades, o cinema visto nas salas de 2021 buscou excessivo apoio em filões consagrados

Costura sentimental

Sem papas na língua, o diretor Ridley Scott arriscou alto com o retrato do clã fora dos padrões, em *Casa Gucci*, com visibilidade, dada a participação de Lady Gaga no elenco. Ainda no mundo da moda, meses antes de morrer, Pierre Cardin, aos 98 anos, pôde conferir, no Festival de Veneza, o longa *O império de Pierre Cardin*, exibido no Brasil em janeiro. Na fita, pesa a capacidade do estilista em integrar culturas diversas, por meio de tecidos e moldes. A celebração do jornalismo e dos filmes fixados na realidade vieram em alto e bom tom por meio de longas como *Oito presidentes 1 juramento* — *A história de um tempo presente*, de Carla Camurati, e *A última floresta*, que deu destaque a indígenas. Polêmico, o rockstar e vocalista da banda Charlie Brown Jr. foi homenageado, em *Chorão: marginal alado*.

Vozes negras de relevância cobriram 2021 de engajamento e sabedoria. Na lista, *Marighella* (numa versão equilibrada, sob a ótica de Wagner Moura) cravou sabedoria num roteiro que sobrepujou a virtual guerra de ânimos da direita e esquerda. Enquanto *Judas e o Messias Negro*, de Shaka King, revigorou a luta do ativista Fred Hampton, *Doutor Gama* (assinado por Jeferson De) revelou sóbria narrativa sobre o abolicionismo. Outros relevantes registros vieram com o nacional *Pixinguinha: um homem carinhoso* e o filme que reposicionou Will Smith no topo — *King Richard: criando campeões*.

Na linhagem do cinema brasileiro, *King Kong em Asunción* trouxe para a telona, em 2021, a premiada atuação do talento local Andrade Júnior. Explorando temas como autoconhecimento e confiança, a diretora Cibele Amaral emplacou nos cinemas *Por que você não chora?*. Também do Centro-Oeste, vieram *Valentina* e o ousadíssimo *Vento seco*, no qual Daniel Nolasco revela a explosão de desejos homossexuais. Sob moldes de uma cidadezinha conservadora, Aly Muritiba concebeu um enredo de autoaceitação, no belo *Deserto particular*.



Duna

Chiabella James/Warner Bros.



Bela vingança

Divulgação



Os Croods 2: Uma nova era

Universal Pictures/Divulgação

Telonas de repetecocos e inovações

» RICARDO DAEHN

Um eterno looping. Se a aparência de 2021 foi essa, o cinema, como reflexo dos tempos, entrou no embalo. *Godzilla vs. Kong*, *Pinóquio*, *Mortal Kombat* e *Amor, sublime amor*, todos filmes exibidos ao longo do ano, reativam memórias de produções de cinema que atravessam décadas. Balizado por continuações e remakes, o cinema — que por momentos teve as salas interditadas, frente a pandemia — resistiu, emplacando produtos como *Matrix resurrections* e *Homem-Aranha: sem volta para casa*, este tornado a maior bilheteria desde o início da pandemia.

Apostas certas, em tempos instáveis, reconsiderar os universos de animações se mostrou um êxito, como confirmaram *Os Croods 2: Uma nova era*, *A família Addams 2* — pé na estrada e *O poderoso chefinho*: Negócios da família. Surfando no mais do mesmo, as produções de atores de

carne e osso — a exemplo de *Cruella*, *Velozes & furiosos 9* e *Halloween kills*. Deixando a comodidade na Jamaica, o agente James Bond voltou às telas, na 25ª aventura, e a última encabeçada por Daniel Craig. Também resgatados da aposentadoria, personagens referenciais desfilaram a presença na aventura saudosista *Ghostbusters: mais além*.

Mesmo quando arrojado, no caso da visão do diretor Denis Villeneuve para o clássico escrito por Frank Herbert, nos anos de 1960, *Duna* estreou em outubro, amortecendo o fiasco da versão de 1984 assinada por David Lynch. Filões rentáveis da sétima arte, como o do universo dos quadrinhos e o do medo terror e suspense (empregado em *Invocação do mal 3* e *Um lugar silencioso parte II*), apostaram igualmente em fórmulas consagradas.

Em lançamento alinhado com as plataformas, *Viúva Negra* chegou às telas em julho, enquanto o universo da DC nos cinemas foi chacoalhado

por *O esquadrão suicida*, que reergueu o time comandado por personagens como Arlequina.

Novos ares

Primeiro protagonista asiático com estrodo no panorama da Marvel, o expoente do kung fu *Shang-Chi e a lenda dos 10 anéis* foi encabeçado por Simu Liu, que fez jus ao personagem criado por Jim Starlin, há quase 50 anos.

A Ásia também despontou nos bastidores da feitura de *Eternos*, comandado pela chinesa Chloé Zhao, que já havia mostrado mais do que serviço à frente de *Nomadland* que, com uma trama ligada a instabilidades financeiras, faturou prêmios Oscar de filme, direção e melhor atriz (Frances McDormand). Na mesma festa do Oscar, a inglesa Emerald Fennell foi consagrada pelo talentoso roteiro de *Bela vingança*, protagonizado por Carrie Mulligan, tristemente deslumbrante num enredo sobre o

inferno interior por traumático contato com feminicídio.

Foi também pelo tema do luto que duas produções internacionais jogaram holofotes sobre os talentos femininos: vencedora da Taça Volpi de melhor atriz em Veneza, Vanessa Kirby, de *Pieces of a woman*, chegou à reta final do Oscar, com retrato de uma enlutada mãe, enquanto a diretora Jasmila Zbanic, com *Quo vadis, Aida?*, trouxe a segunda indicação para o Oscar internacional para a Bósnia-Herzegovina.

Numa pegada infinitamente mais leve, atrizes queridas no cenário brasileiro tiveram momentos luzetes em 2021. Com *Depois a louca sou eu*, Débora Falabella encampou desventuras amorosas. Já *Lucireide vai pra Marte* trouxe o talento de Fabiana Karla. Também muito distanciado da pasmeira dos roteiros hollywoodianos, o diretor Wes Anderson — com o habitual estilo cartunesco — mais uma vez encantou, desta vez à frente de *A crônica francesa*.

Streaming relevante

» PEDRO IBARRA

Grandes cineastas e estrelas do cinema têm apostado nas plataformas como forma de multiplicar o público. Este ano foi marcado por recordes e consolidação dos serviços de streaming no mercado cinematográfico. Sinais de qualidade despontam na lista dos indicados das próximas, e futuras premiações: produções originais Netflix — *Ataque dos cães*, *Não olhe para cima* e *Tick, tick... boom!* —, além do longa *Ritmo do coração* (via Apple TV+) prometem figurar. Fatores que ainda esquentam a disputa dos streamings no mercado cinematográfico. Sinais de qualidade despontam na lista dos indicados das próximas, e futuras premiações: produções originais Netflix — *Ataque dos cães*, *Não olhe para cima* e *Tick, tick... boom!* —, além do longa *Ritmo do coração* (via Apple TV+) prometem figurar. Fatores que ainda esquentam a disputa dos streamings no mercado cinematográfico.

O ano ficou marcado pela chegada de personagens queridos às plataformas: a animação *Luca* assinalou o primeiro longa da Pixar original para o serviço, enquanto o rei Akeem também voltou para Nova York diretamente no

streaming em *Um príncipe em Nova York 2*. *A família Soprano*, da grandiosa série que durou de 1999 a 2007, voltou às telas, mas empacotada no badalado filme *The many saints of Newark*. E Rachel, Ross, Phoebe, Monica, Chandler e Joey se reencontraram 25 anos depois em um especial não roteirizado de *Friends*.

Estrelato

O ano foi também de acompanhar grandes nomes do cinema em empreitadas no streaming. É o caso do ator Dwayne “The Rock” Johnson, que estrelou o aventureiro *Jungle Cruise na Disney+*, e a película de ação com Gal Gadot e Ryan Reynolds, *Alerta vermelho*, da Netflix. Idris Elba, Lakeith Stanfield e Jonathan Majors deram uma nova visão aos bang-bangs com *Vingança & castigo*. O diretor Peter Jackson (de *O senhor dos anéis*) investiu em contar a história dos Beatles no documentário *Get back* da Disney+. Ainda na

Amazon Prime/ Divulgação



A menina que matou os pais

música, o comediante Bo Burnham foi a surpresa do ano, com o monólogo musical pandêmico *Inside*, exclusivo da Netflix.

No Brasil, Maísa continua dominando a Netflix e estreou o longa *Pai em dobro*, porém agora tem a companhia de Rodrigo Santoro, que esteve entre os mais vistos da plataforma por semanas com o longa *7 prisioneiros*. A história de crime e tragédia protagonizada por Suzanne Von

Richtofen foi contada em dois longas da Amazon: *A menina que matou os pais* e *O menino que matou meus pais*. Numa crescente, as produções nacionais conquistam espaço, e, em 2022, há expectativa de mais filmes brasileiros nas plataformas.

Mais um ano de séries

Carro-chefe dos streamings, as séries foram novamente gigantes. A

Divulgação



Vingança & castigo

Disney Plus apostou no universo da Marvel e entregou cinco séries de super-heróis, recordes de visualizações e usuários e até Emmys, com destaque para *WandaVision*. A HBO Max chegou ao Brasil com sucessos como *Succession* e *Mare of Easttown*. E a Netflix, mais uma vez, surpreendeu a todos com o fenômeno mundial e recordista de reproduções *Round 6*, uma série coreana que conquistou o planeta.